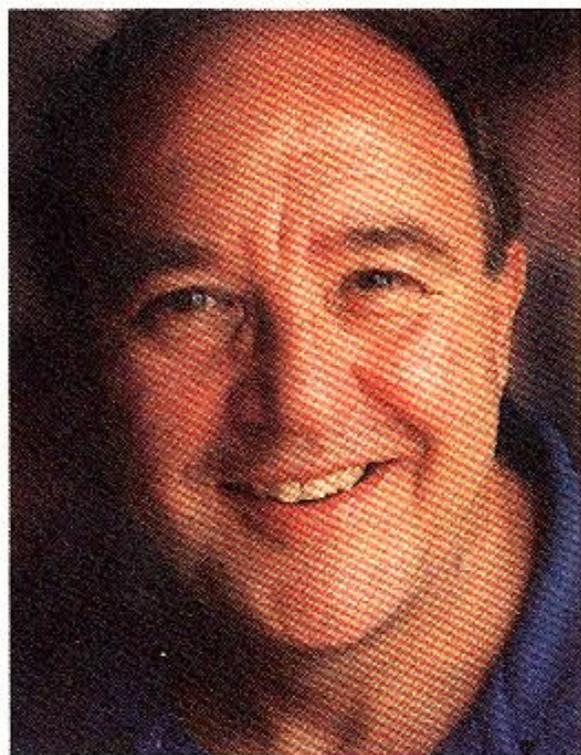


O bom samaritano

SHARI SMITH



Os fortes sempre ajudam os fracos

JÁ ERAM QUASE três horas e Elizabeth Willsher estava trabalhando na cozinha. Anos antes, John, o marido inglês, encanador, ensinara-lhe a fazer bom chá. Desde então, sempre esperava com prazer essa hora, quando se sentavam à mesa da cozinha, seus braços se tocando, e conversavam sobre qualquer assunto, importante ou não. No momento em que ouvia o furgão dele na entrada de casa, punha a chaleira no fogo.

Lá fora, a neve se derretia sob o céu cor de areia naquela tarde de sábado de fevereiro de 1995. Mas dentro de casa o aroma de bolo assando enchia o ar. Jennifer, filha dos Willsher, 18 anos, entrou na cozinha e experimentou a massa do bolo com o dedo. “Eu já ia esquecendo”, disse ela. “Tenho de arranjar um presente para o papai.”

Isso lembrou Elizabeth da comemoração que tinha planejado para o aniversário do marido. *Na semana que vem ele faz 58 anos, pensou. Como pode ter passado tanto tempo?* John parecia tão jovem e ativo quanto sempre fora, a não ser pela dolorosa bursite no ombro. Ainda naquela manhã tivera uma crise e ela o ajudara a arrumar a camisa para dentro da calça.

JOHN WILLSHER dirigia em direção a sua casa. A uns dois quilômetros do ponto em que deixaria a estrada, viu

uma caminhonete muito mal estacionada no acostamento, quase em cima de uma das faixas. Willsher virou seu furgão e parou na frente do carro.

Caminhou até o veículo, mostrou sua identidade, sorriu e disse:

– Sou John Willsher. Moro aqui perto. Posso lhe oferecer uma carona?

A mulher abaixou o vidro.

– Não, obrigada, mas quando chegar em casa, pode ligar para o meu marido, por favor?

– Pois não – disse Willsher, anotando o número na palma da mão.

Voltou para o furgão. Não pretendia esperar até chegar em casa. De volta à estrada, virou na primeira saída e parou num posto de gasolina. Do outro lado da rua havia um riacho de uns sete metros de largura que a neve derretida transformara numa caudalosa torrente que corria sob fina camada de gelo.

Willsher pegou o telefone e ligou para o marido da mulher.

Após desligar, ouviu gritos apavorados de crianças e, depois, um homem gritar:

– Precisamos de uma corda!

Willsher correu de volta ao furgão, pegou um pedaço de corda amarela e disparou pela avenida movimentada, desviando-se do trânsito.

OS PENSAMENTOS de Elizabeth vaguearam até a primeira vez que vira John, há mais de 30 anos. A senhora Martin – vizinha casamenteira – achava que seu hóspede solteiro de 27 anos e a linda Elizabeth de olhos azuis formariam casal perfeito. Assim, depois de certa insistência,

lá estava a moça tocando piano na casa da senhora Martin. Momentos depois de terminada a música, a vizinha apresentou-a a um homem forte, de cabelos ruivos. John Willsher e um amigo iam a uma festa e estavam atrasados. Por isso, depois de um “muito prazer” educado mas apressado da parte de John, os dois saíram logo.

Elizabeth foi a pé para casa, desapontada. *Não é meu tipo*, pensou. Parecia que tudo acabaria ali. Até o dia em que John e ela se acenaram por cima das cercas dos quintais. Começaram a conversar e, depois, a namorar.

A princípio, Elizabeth se mostrou cautelosa quanto àquele homem que tinha chegado aos Estados Unidos – quase por capricho – com uma valise, várias centenas de dólares e um sonho de aventura. Ele era bem-humorado, mas tinha excentricidades. Por exemplo, o assento de trás do carro de John estava cheio de coisas que ela considerava lixo: cordas, peças de carro, fita isolante, ferramentas. Ele achava tudo aquilo precioso.

“Nunca se sabe quando se vai precisar”, dizia, animado.

Ele comprovou isso numa noite em que ficaram sem gasolina. Remexeu em seus trastes até encontrar garrafa de algum líquido e o despejou no tanque de gasolina. Aquilo permitiu que o carro chegasse ao posto mais próximo.

E por trás da aparência despreocupada, John era muito mais amável do que os outros homens que ela conhecia. Houve ocasião em que seu irmãozinho Dan queria certa motocicleta; John o ajudou a construir uma. Aquele homem parecia ser capaz de construir ou

consertar tudo. E tinha idéia arraigada de que esse dom lhe fora dado para poder ajudar as pessoas. Mais de uma vez ele parou para ajudar algum motorista enguiçado quando estavam juntos.

DESCENDO AOS TRANCOS a margem do riacho cheio, Willsher viu dois meninos pequenos mergulhados até o pescoço na torrente gelada. Kerone Smith e Bryan Bates, 9 e 7 anos, tinham pisado em gelo fino demais para sustentar seus corpinhos. Agora balançavam na água, os dedos nus agarrados a lâminas de gelo partidas e um galho de árvore, os olhos arregalados de pavor.

Do outro lado, um homem já havia rastejado até o gelo. Com um espectador segurando seus tornozelos, ele se deitara de bruços e estendera um galho de árvore para Kerone. Mas o galho caiu a alguns centímetros do menino.

Willsher lançou sua corda para o outro lado do riacho. O homem a agarrou e jogou uma das pontas para Kerone, que a pegou. Devagar, o homem e outro curioso puxaram o garoto da água.

Bryan, o garoto menor, gritou:

– Não consigo agüentar mais.

– Consegue, sim! Vou pegar você – retrucou Willsher.

Apenas alguns metros de gelo o separavam de Bryan. Willsher deitou-se de bruços e começou a deslizar para junto do menino. Quando se atirou para agarrar o garoto, o gelo se quebrou, fazendo-o mergulhar na água gelada.

A centímetros da mão dele, Bryan afundou. Willsher veio à tona, atirou-se de novo e puxou o menino para cima,

pela gola. Então, a torrente o puxou para baixo, mas Willsher conseguiu continuar agarrando o menino. Por fim, voltou à tona, ainda mantendo o rosto de Bryan acima da água gelada.

QUANDO ELIZABETH começou a preparar o jantar, olhou para o relógio. Já passava das três horas da tarde. Sempre que John se atrasava, telefonava. Ela se tranqüilizou pensando que ele provavelmente tinha parado para ajudar alguém que estivesse precisando de auxílio.

Ela sabia que a ânsia de ajudar vinha da infância. Em 1940, quando Hitler começara seus ataques aéreos à Inglaterra, John tinha 3 anos e morava próximo de Colchester – uma hora de trem a nordeste de Londres. Por muitas noites ele ouviu o ronco dos aviões e o silvar

das bombas alemãs destroçando cidades industriais vizinhas. Contou à mulher que os pais tinham de racionar os alimentos e ajudavam os vizinhos. “Os fortes sempre ajudavam os fracos”, dizia ele.

Willsher também se lembrava de quando a família abrigara em casa crianças vindas de Londres, fustigadas pelas bombas. Partilhou seu quarto com dois meninos que choravam quase todas as noites com saudades dos pais.

Ele conquistou a reputação de ser homem que se podia chamar quando se precisasse de ajuda

Ouvindo essas histórias, Elizabeth se deu conta de como John era especial e percebeu que se apaixonara. Alguns meses depois, casaram-se.

Willsher continuou a ajudar os outros. Sempre oferecia as habilidades de encanador aos idosos e pobres. Quando a vizinha teve de trocar o sistema de aquecimento porque estava piorando ainda mais a alergia do filho, Willsher realizou o trabalho, cobrando apenas o preço das peças. A notícia espalhou-se.

Ele conquistou a reputação de ser homem que se podia chamar quando se precisasse de quase qualquer tipo de ajuda. Chamados eram freqüentes, muitas vezes no meio da noite – canos arreventados ou a fomalha que não funcionava. John dizia: “Não há problema, meu chapa.” E partia.

Ensinou aos dois filhos, Michael e Peter, e à filha Jennifer o valor de se praticar o bem. Assim que aprenderam a andar, acompanhavam o pai nas visitas de bom samaritano.

“Neste país somos realmente abençoados”, dizia ele, “mas assim mesmo temos de nos ajudar uns aos outros.”

Dividir John com os outros nem sempre era algo fácil. Entretanto, uma noite Elizabeth pensou em quanto ele afetara centenas de vidas e ensinara a seus filhos. *Valeu a pena*, concluiu.

Mas algo a que Elizabeth nunca se acostumou foi a atitude displicente de John diante do perigo.

Certo dia, pouco depois de nascer o primeiro filho, disse a John que tinha ouvido o que parecia ser um grito de mulher. Agarrando uma vara de metal, Willsher correu em direção ao

barulho. Viu duas pessoas numa luta brutal. Indignado, Willsher correu para o assaltante, apontando-lhe a vara como uma lança.

– Pare com isso! – gritou.

O bandido saltou para sua caminhonete e avançou para cima dele. Por alguns segundos arrepiantes, Willsher ficou firme e depois, com toda a força, lançou a vara contra o carro, despedaçando o pára-brisa. O motorista deu uma guinada e fugiu. Mais tarde, a polícia pegou o homem com o buraco no pára-brisa.

Elizabeth, porém, ficava horrorizada com a displicência de John.

– Não posso ficar ali parado sem fazer nada – respondia ele.

AO VER WILLSHER se afundando na água, um homem do outro lado pegou a corda e a lançou a um espectador do lado de Willsher. Quando este voltou à tona, o homem lhe atirou a corda. Ele a agarrou com a mão que estava livre e com a outra segurava o menino. Os dois foram puxados para a margem. Willsher caiu no chão, exausto. Várias pessoas pegaram Bryan e o levaram às pressas.

A essa altura já se juntara muita gente. Ouviu-se um viva quando perceberam que os meninos estavam salvos. No meio das felicitações, um espectador, assistente de médico, olhou para o outro lado do rio e notou Willsher deitado de bruços.

– Examinem aquele homem! – gritou o desconhecido.

ELIZABETH OLHOU para o relógio da cozinha, ao que parecia pela centésima

vez – como se isso pudesse trazer o marido para casa. Então, o telefone tocou, interrompendo seus pensamentos. Era do hospital. Disparando para lá em seu carro, ela agarrou-se à esperança de que a vontade férrea de John o salvaria.

Por favor, Deus, rogou ela, as recordações surgindo.

Um funcionário do hospital foi falar com ela na sala de emergências.

– Sinto muito – foi só o que ele conseguiu dizer.

JOHN WILLSSHER foi sepultado três dias depois, no dia 14 de fevereiro de 1995. À cerimônia compareceram parentes, amigos e estranhos que tinham lido no jornal local, em Woodbridge, Connecticut (EUA), a respeito do heróico samaritano. Até o governador estava presente. O irmão de Elizabeth, para quem Willsher construíra a motocicleta tantos anos antes, prestou-lhe uma das homenagens:

– Foram dadas duas dádivas no sábado: a primeira foi a da vida, que John deu a Bryan Bates. A segunda foi a de Deus a John, a vida eterna. John está aqui em nossas mentes, que sempre vão pensar nele; está aqui em nossos lábios, que sempre o louvarão; está aqui em nossos corações, que sempre hão de amá-lo.

Jennifer concluiu a cerimônia com seu próprio tributo.

– Quando pensamos em papai, a única palavra que nos ocorre é “herói”.

John Willsher recebeu, postumamente, a Medalha Carnegie por seu heroísmo. Um amigo apresentou lei na câmara estadual para rebatizar o local do salvamento como “Lago” John Willsher. Hoje, num pequeno monumento junto ao riacho, lê-se: “John Willsher, num ato de coragem altruísta, morreu ao salvar dois meninos de afogamento.”



‘Mulher maravilha’

CERTO DIA, ESTAVA ALMOÇANDO com minha irmã Joanne num restaurante, quando ela disse que havia conhecido dois bombeiros atraentes, que gostariam de saber quem eu era.

Contou-me que, naquela manhã, tinha passado pelo meu apartamento quando eu não estava. Havia entrado, mas ao tentar sair a porta não abriu. Ficou trancada durante algum tempo.

Por experiência, eu sabia que dando um toque ligeiro no alto, a porta abriria, porém Joanne não tinha conhecimento disso. Após meia hora de luta em vão, ela telefonou para o Corpo de Bombeiros. Dois musculosos rapazes chegaram. Lançando os ombros contra a porta com força máxima, conseguiram abri-la e libertar minha irmã.

Fiquei curiosa, e perguntei:

– Por que os bombeiros querem me conhecer?

– Querem ver seus músculos – explicou Joanne.

Michèle Owens, Canadá